

## CALÇAS COLORIDAS.

23.XII.2016.

### *I – Calças coloridas.*

Após décadas calças de brim somente pretas a usar,  
decidi nelas inovar:  
coloridas resolvi as comprar,  
e somente negras, já agora, evitar,  
para com múltiplas cores variar  
a forma, informal, de me trajar.  
Nas ruas andei a observar  
o modo de a gente se enroupar:  
considerarei as cores em voga,  
quicá mesmo da moda.  
Moda não me atrai,  
não somente porque logo se esvai,  
como porque me desapraz ser idêntico,  
o que me sabe a inautêntico.  
Porém, se súbito ou a pouco e pouco,  
cores, no uso, advieram, o que não foi obra de louco.  
Surgiram vermelhas, de várias tonalidades,  
usadas por pernas de todas as idades;  
verdes claras e escuras, até esmaecidas,  
porém umas e outras, entre si, menos parecidas.  
Também surgiram cor-de-laranja,  
vestidas pelo marido de Briolanja.  
Tom novo ou nome novo, caramelo,  
nome de doce e escuro amarelo.  
Ainda outra: cáqui, variedade clara de castanho,  
na verdade, cor de antanho  
conhecida, sabida e usada, no fardamento  
do Tiro de Guerra: era indumento  
com que se retratou o coronel João Gualberto,  
herói do Paraná, já morto e homem certo.  
Além destas, também percebi azuis,  
em estudantes e em homens, suponho, tafuis.  
Pretas já as havia e persistiram:  
preto é somatória de cores, das que há e já existiram.  
Vermelhas também advieram:  
em matizes nelas os seus usuários convieram.  
Vermelho, carmim, escarlata,  
tudo diverso do negro chocolate.  
Bordô ou vermelho forte  
foi cor a que sucumbi, homem cujo norte  
orientava-me em direção à variedade,  
já contrária à antiga uniformidade,  
em que, de brim, limitava-me ao preto.  
Não fosse alguém me supor adepto de cor, como amuleto;  
aderia à praticidade: em traje escuro, menos se nota

a poeira e menos se desdoura o janota.  
Entusiasmei-me com a voga hodierna,  
policrômica, coisa porém não moderna.  
Cores usavam-se no século dezessete, varões;  
era banal, era da voga e não era de vilões,  
porém da rica fidalguia,  
da escassa aristocracia.  
No tempo presente e desde a alguns anos,  
calças são de corte rente, em jeito de canos  
ao longo das pernas afilados,  
no comprimento estreitados,  
no corpo com caimento justo,  
que se pode obter com reforma de baixo custo  
se acaso se adquire das antigas, largas,  
folgadas e excessivas nas pernas, porém não nas ilhargas.  
Adquiri várias, cada qual lisa e colorida,  
nenhuma estampada nem florida,  
e todas estreitas, de bom caimento,  
sempre no do corpo alinhamento.  
Hoje, as largas, as estranho;  
se mas dessem, seriam peças de antanho.  
Logo levá-las-ia à costureira, para as reformar  
com tesoura e as estreitar.  
Mudei eu ou mudaram elas ?  
Ambos, e elas tornaram-se belas.  
É paráfrase de Machado, escritor,  
de lindos contos autor e, eu deles, leitor.  
Para acomodá-las à forma contemporânea,  
sem adesão à moda, senão por consentânea  
com critério meu, seu usuário: o de sentir-me bem com o que visto,  
tirá-las do armário e ser atual, nisto, e até bem-quisto.  
Do feliz com o vestido ao bem-quisto pelos humanos,  
a explicação está em que homem feliz com os seus panos,  
é homem bem resolvido e confortado,  
e não ressentido nem de azedume tomado.  
Quem está bem consigo, está bem com os mais:  
é aforismo que digo e que repetir, não é demais.  
Pior não há do que com o seu vestir repugnar-se;  
entrajar-se e desgostar, é torturar-se;  
é portar em si o que desejara de si alijar  
e de tal fardo de si aliviar e para longe o atirar.  
Homem feliz com a sua vestidura  
é homem contente e que assim dura.

## ***II- Calças vermelhas.***

Das várias calças que ao meu cabedal incorporei,  
uma houve, de que quase me ufanei:  
foi a de cor que estimei com especial devoção: vermelha,  
cor não de usual loção nem de abelha,  
porém de deus e de vencedor:

do imitador de Zeus e de general triunfador:  
um, Júpiter Capitolino, de face de vermelho tingida;  
outro, general vitorioso, de cara de vermelho colorida.  
O senado romano a quem tal pintura, por honraria, concedeu,  
foi ao famoso de César rival, Pompeu.  
Assim parecido, apresentava-se no circo máximo  
e do soberano deus tornava-se, na aparência, próximo.<sup>1</sup>  
Mulheres modernas maquilam-se, homem romano pintava-se:  
elas, de vária cor; ele, de escarlate e quase deus julgava-se.  
De vermelho trajava-se Júpiter, homólogo de Zeus.  
Vermelho era a cor do traje do maior deus.  
Zeus Amon, grego no Egito, vestia vermelho manto:  
era prestigiosa a tal cor. Portanto,  
com romano humano e com grega deidade,  
está provada a nova verdade  
que proclamo com nova palavra: vermelhidade !  
Chama-se, a qualidade do que é vermelho, vermelhidão,  
porém a virtude do vermelho, eis neologismo, e não palavrão.  
Verbo, de vermelho, existe: avermelhar.  
Em vermelho se tornar, persiste: é melhorar.  
Sinônimo de avermelhar, são enrubescer e ainda corar:  
rosto, de normal ou até pálido, é em escarlate se transformar.  
Ainda há sinônimo: ruborizar,  
sempre vermelha cor a face tomar,  
seja por súbito constrangimento ou vergonha,  
ainda que sem carantonha.  
De cor-de-rosa para escarlate,  
é de flor para até bonifrate  
e de cor fraca para cor forte,  
boa para arranjar consorte.  
De vermelho se tingiam os panos com o pau-brasil,  
em abundância encontrado no país Brasil.  
Roupa vermelha era cor custosa,  
adquiria-a quem levar podia vida luxuosa.  
Cor da gente superior e não da plebe pobre,  
para vermelho vestir, cumpria ser rico e nobre.  
Vermelho muito claro chama-se cor-de-rosa e é esmaecido:  
é como aguado e bastante conhecido.  
Vermelho tendente a roxo, é tonalidade escura  
e denomina-se, na tabela das cores, púrpura.  
Vermelho de nome escarlate é vivo,  
e do olhar é, por vezes, chamativo.  
Outro matiz chama-se de carmim,  
usável por ele, por ti e por mim,  
vale dizer, por quem o quiser,  
se disto vontade tiver.  
Foi, suponho, o de que se revestiu  
senhora idosa, que no inverno se cobriu

---

<sup>1</sup> É informação presente em *Os deuses do Olimpo*, de Barbara Graziosi, editora Cultrix, São Paulo, 2016, p. 155.

de véstia vermelha por inteiro, até o chapéu,  
pois cabeça, parte importante, não ficaria ao léu.  
Foi a rainha Isabel da Grã-Bretanha,  
gente menos romana, quiçá estranha,  
porém também amiga do vermelho em vários tons,  
que, claros ou escuros, são todos bons  
consoante a deles com outras cores combinação  
em formal, informal, profissional ou não, ocasião.  
É cor de véstia sacerdotal:  
do elevado grau de cardeal  
como o foi de, do exército brasileiro, general:  
com faixas douradas em cada lateral  
e túnica azul-marinho, vermelho claro com azul escuro,  
com alamares dourados, eis sugestão para todo o futuro !  
Seja católico romano, seja profano e general,  
ou deus, é cor do humano, em geral.  
Em vermelho se intitulava o texto pretoriano,  
por títulos de nome rubrica.  
Escrita a caneta, é cor que fica.  
- *Oh ! exclamará o fogoso. Vermelho é a cor da pica !*  
- *Não, não, objetará outro. A tua, que a minha não é assim rica.*  
Diálogo imaginário e chocarreiro,  
para alguns é verdadeiro.  
Aluno nota vermelha tirar boa coisa não é: nota baixa é.  
Já azul, tanto melhor: nota boa, do que dou fé.  
Orçamento no vermelho transmite aperto da receita  
e largueza da despesa: orçamento assim, auxílio aceita.  
Porém, por convenção, é a cor do coração,  
sede, pensavam os antigos, de toda emoção.  
É a do Corpo de Bombeiros,  
intrépidos e ligeiros,  
de homens, cousas e até bichos salvadores.  
A estes vermelhos, nossos merecidos louvores !  
Vermelho é a cor do vital fluido, o sangue,  
líquido corrente, que não o do estagnado manguê.  
Vermelho é a cor, no pavilhão do Japão, do Sol:  
lá é vermelho, porém esmaece no arrebol.  
Vermelho é a cor do morango e do vinho tinto,  
alimentos de comer e de beber – com eles, não há faminto.  
Vermelho é cor da bandeira portuguesa, majoritário  
em que simboliza sangue derramado; verde lhe é minoritário.  
Também de inseto provém o vermelho: a cochonilha,  
animal branco, distinto da cor da baunilha.  
Dele morto, extrai-se útil e bela cor;  
ele vivo, é praga que se erradica sem pudor.  
Vermelho é bombeiro, coração, traje de general,  
venha o corneteiro, venha o remendão, venha o marechal  
(subiu de grau o senhor antes só general !),  
venham todos e tudo avermelhado,  
virá bem e belamente enroupado.  
Se ansiar por imitar vermelho deus,

que seja o poderoso Júpiter ou Zeus,  
pinte a cara à semelhança de Pompeu,  
e que ninguém te leve a mal pintar o que é só teu.  
Se alguém de ti zombar, replica-lhe: - *Sou ateu,*  
*e venero a Grécia, país de Odisseu.*  
Com quejanda resposta, vermelho ficará o teu zombador,  
edificado e transformado em teu novo admirador.  
Para perfeição da homenagem, porás grinalda de cravos  
vermelhos, caros ou à custo de chavos.  
Discreto e não exagerado,  
vermelho use sem ser secreto nem dissimulado.  
Gosto e cor é pessoal questão,  
porém, também, social habituação;  
é individual eleição  
dentro de alguma coletiva convenção.  
Segue a tua preferência;  
negues deferência  
à alheia consciência  
no que respeita a ti somente.  
Prefere, escolhe, usa e escusa alguém impertinente.  
Critério inexistente e não há único e absoluto;  
o que existe e há, é critério ímpoluto  
de bom gosto e bom senso, com liberdade de escolha.  
Seja feliz com esta verdade, seja rei, seja trolha.  
E exclame, por remate: - Eu escolhi você !<sup>2</sup>  
Foi por gosto e vontade, e não por mercê !

### ***III- Calças destoantes.***<sup>3</sup>

Adolescente eu era e era estio;  
também estudante e longe ia o frio.  
Vestia de brim azul calças  
sem suspensórios nem alças.  
Fazia calor ardente,  
com que eu andava impaciente.  
À minha mãe indaguei: - *Não há frescos tecidos?*  
Ripostou-me: - *Há casemira e linho, panos conhecidos.*  
Por calças frescas ansiei, que do calor me poupasse.  
Avó materna minha idéia concebeu: a de que com calças me presenteasse.  
Calças castanhas, com listras, propiciou-me, para minha surpresa.  
De pronto as vesti, com afoiteza !  
Que delícia de tecido, fino e fresco !  
Usei-as como quem bebe, no calor, refresco.  
Na escola, colegas zombaram de mim, maldosos.  
Maus tratos, por isto, penei deles, nada amistosos.  
Escusava de que me houvessem sido caridosos,  
porém era elementar que me fossem (e com todos) respeitosos.  
Ignorei-os e às mofas não me sujeitei.

---

<sup>2</sup> Intitula-se “Eu escolhi você” canção de Clarice Falcão, lançada em 21 de dezembro de 2016 e que suscitou celeuma e a adversidade dos pudicos, porque no clipe respectivo expunham-se somente genitálias e bundas adereçadas. Manifestei-me favoravelmente às imagens.

<sup>3</sup> Redigi esta estrofe no aeroporto de Congonhas, em 23.XII.2016, a caminho de Belo Horizonte.

Naquele ano, de ano reprovei.  
Pouco estudei, porém deles me livre.  
Na sétima série fiquei repetente.  
É a vida – contudo, não fiquei descontente.  
<sup>4</sup>Também me zombavam porque usava brilhantina  
em porção mínima e por decisão repentina,  
para conter os cabelos da frente, descaídos, o que me incomodava.  
Condiscípulos meus, alguns, riam-se do que eu apenas usava.  
Foi geração, em parte, de respeito humano carente,  
porém, para alguns maltratar, valente.  
-*Até você?!* exclamei para amigo meu principal,  
como César exclamou –*Até tu?!*, para filho dele nada fraternal.  
Gente má, por calças a alguém ridicularizar,  
careciam de valores para ao colega respeitar.  
Uniforme nos inexistia, porém havia gente ignorante  
de respeitar alguém um pouco destoante.  
De então por diante, para sempre usei  
calças cujos tecido e cor aprovei  
por pessoal escolha e aquisição, em fancaria  
em que, de gosto e decisão, usava soberania.

#### ***IV- Autenticidade.***

Tornei-me rapaz fora do comum padrão.  
A ser idêntico a todos, ponderava: -*Não!*  
Alguém, por isto, criticava-me, com espírito de rebanho.  
Homem ou mulher, era estreito e tacanho !  
Todo juízo revela algo do julgador  
e confessa o que ele adota por valor.  
Eis porque, desde moço, no trajar diferenciei-me  
e sem imitação nem sujeição à moda, individualizei-me  
por calças e camisas fabricadas por alfaiate,  
o que, se não me tornava bonifrate,  
fazia-me discrepante do povo juvenil  
e de aparência singular, porém a ele nunca hostil.  
Modas acompanhar, fi-lo jamais.  
Evité-las, questão disto fazia mais.  
Aprazia-me esquivar-me do comum trajar:  
elegia enroupar-me consoante o meu íntimo pensar.  
Assim ser, é quiçá, ser excêntrico,  
porém a mim, eu me via como autêntico  
e aos demais, entre si, como tudo idêntico.  
Foi época de escassa pessoal diferenciação  
e de impessoal padronização  
no ser, no pensar, no falar e no trajar.  
Abundava o igualar, e menos o individualizar.  
Homens-massa, como os caracterizou Ortega:  
do meu singular ser, era eu o estratega.  
Pessoas semelhantes à maioria,

---

<sup>4</sup> Daqui por diante, redigi em 4 de janeiro de 2017.

cada qual quase humana sensaboria,  
parcos de senso de independência  
e fartos de, ao coletivo, subserviência.  
Quem diz: *-Do alheio tudo compartilho,*  
equivale a peito apartado por espartilho.  
Lei da vida é, em parte, a da imitação;  
lei da pessoa é, em parte, a da sua diferenciação.  
Cumprir a primeira é inevitável;  
saber praticar a segunda é louvável.  
Aos mais igualar-se, em parte é forçoso;  
porém exercer autonomia também é valioso.  
Homem centrado mais no alheio  
bastante imita, o que faz sem rodeio.  
Homem mais independente,  
menos imita, o que o põe contente.  
Imitador, encarece a alheia opinião,  
a que se prende, à guisa de grilhão.  
Independente, rege-se pelo seu critério  
que sobre si exerce importante império.  
No imitar e no destoar,  
relewa a ninguém prejudicar.  
No mais, liberdade,  
com ou sem disparidade,  
com ou sem novidade,  
com ou sem apego ao consagrado,  
seja, quiçá, modificado,  
ou, porventura, restaurado, se já revogado.  
Amoroso do novo é o novidadeiro:  
se o é, melhora com mais belo e verdadeiro.  
Amoroso do antigo é saudosista:  
se o é do obsoleto, dele desista.  
Se a novidade não piora nem melhora,  
use-a ou desuse-a ao seu sabor e a qualquer hora.  
Enfim, calças desbotadas  
indicam-nas por demais lavadas;  
calças de cores várias  
permitem elegâncias diárias  
e combinações de matizes  
o que torna os indumentes, de bom gosto, matrizes.  
Eis porque calças de cor aprecio:  
formais ou esportivas, do cáqui ao rubro,  
com elas me cubro.  
Dantes, de brim, só pretas as trajava,  
de que me enfarei, mesmo quando viajava.  
Ainda as possuo, e estreitas, acompanhadas  
das de cores variadas.  
Estou no meu gosto e na voga atual:  
afinal, trajar-se é por escolha individual,  
malgrado vários adiram às modas,  
volúveis, como as que giram, rodas.  
Por imitação do coletivo

ou para distinção do subjetivo,  
indumentária não é tema fútil,  
porém na sociologia, é assunto útil:  
contribui para mais o humano conhecer  
e para mais a humanidade se entender.  
Também pertence à história,  
pois também a roupa detém memória.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Os oito derradeiros versos foram-me inspirados pela leitura de *A moda e seus desafios*, de Frederico (Frédéric) Monneyron, editora Senac, São Paulo, 2007.